



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MARIA CÍCERA DOS SANTOS DA COSTA

**LUTA E RESISTÊNCIA NO PROCESSO DE CONQUISTA DA TERRA:
MEMÓRIAS DE DONA MARIA BOBÓ**

Delmiro Gouveia – AL
2020

MARIA CÍCERA DOS SANTOS DA COSTA

**LUTA E RESISTÊNCIA NO PROCESSO DE CONQUISTA DA TERRA:
MEMÓRIAS DE DONA MARIA BOBÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de História da Universidade Federal de Alagoas – UFAL – Campus do Sertão, como requisito final para obtenção do título de licenciada em História.

Orientação: Profa. Ma. Sheyla Farias Silva

MARIA CÍCERA DOS SANTOS DA COSTA

LUTA E RESISTÊNCIA NO PROCESSO DE CONQUISTA DA TERRA:
MEMÓRIAS DE DONA MARIA BOBÓ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de História da Universidade Federal de Alagoas – UFAL – Campus do Sertão, como requisito final para obtenção do título de licenciada em História, aprovado em 19 de fevereiro de 2020.

Sheyla Farias Silva
Prof.ª Ma. Sheyla Farias Silva - UFAL (Orientadora)

Banca Examinadora:

Felipe da Silva Barbosa
Prof. Me. Felipe da Silva Barbosa - UFAL

Egnaldo Ferreira de Sousa Júnior
Prof. Esp. Egnaldo Ferreira de Sousa Júnior SEDUC/AL (Examinador Externo)

LUTA E RESISTÊNCIA NO PROCESSO DE CONQUISTA DA TERRA: MEMÓRIAS DE DONA MARIA BOBÓ

Maria Cícera dos Santos da Costa¹

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo apresentar a trajetória de vida de Dona Maria Bobó-como é conhecida-, mulher comum, negra e liderança do assentamento Todos os Santos/Chupete, bem como sua contribuição na organização e mobilização no processo de luta e conquista pela terra. Desse modo, abordamos o papel das mulheres nos movimentos sociais e relatamos o protagonismo de Dona Maria Bobó enquanto liderança do assentamento. Para que esta pesquisa ganhasse forma, utilizamos alguns referenciais teóricos de alguns autores, e como metodologia de pesquisa a História Oral, tendo como fonte Oral as entrevistas semi-estruturadas com Dona Maria Bobó, nosso objeto de pesquisa. Contudo, anseio contribuir para que a trajetória desta Mulher tenha visibilidade tanto social como acadêmica. Mulher que rompeu com padrões estabelecidos pela sociedade, ainda que machista, se destacou pelas contribuições que trouxe através da luta pela terra aos sujeitos envolvidos neste processo.

Palavras-chave: Biografia; Mulheres; Movimentos Sociais.

ABSTRACT: This research aims to present the life trajectory of Dona Maria Bobó-as she is known-, common woman, black and leadership of the Todos os Santos / Chupete settlement, as well as her contribution in the organization and mobilization in the process of struggle and conquest for land . In this way, we approach the role of women in social movements and report on the role of Dona Maria Bobó as leader of the settlement. In order for this research to take shape, we used some theoretical references from some authors, and the Oral History as a research methodology, using semi-structured interviews with Dona Maria Bobó, our research object, as the Oral source. However, I look forward to contributing so that this Woman's trajectory has both social and academic visibility. A woman who broke with standards established by society, even if sexist, stood out for the contributions she brought through the struggle for land to the subjects involved in this process.

Keywords: Biography; Women; Social movements.

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão (Ufal).
E-mail: ciceracici1121@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A longa experiência humana é marcada pela questão de gênero, em que as diferenças entre homens e mulheres eram impostas pela sociedade de cada tempo. As mulheres estavam destinadas a viver apenas para o lar, serem submissas aos maridos, procriar e educar seus filhos. Até o início do século XX, elas não poderiam trabalhar, nem participar das políticas públicas, sendo restritas apenas ao espaço domiciliar.

Essa relação que foi imposta historicamente entre a mulher e o espaço privado tornou-se foco de pesquisas², além de ser uma realidade que vivenciamos até os dias atuais. Podemos dizer então que a história das mulheres é de suma importância para compreendermos a história de um modo geral, bem como seu papel enquanto mulher na busca por igualdade e por seu espaço na sociedade.

Com isso, este trabalho anseia apresentar a história de vida de uma mulher comum, moradora, liderança e representante do assentamento Todos os Santos/Chupete³, localizado em Água Branca/Alagoas e também integrante da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Desse modo, objetivamos contar a história de vida de Dona Maria José⁴, enquanto mulher e liderança no processo de luta pela terra. Sendo assim, a presente pesquisa está dividida em dois tópicos, o primeiro consiste em analisar o papel das mulheres nos movimentos sociais, e o segundo pretende relatar o protagonismo de Dona Maria enquanto liderança do Assentamento de Todos os Santos/Chupete.

A idéia para a construção desse trabalho surgiu a partir de uma conversa informal com Dona Maria, a qual me contava sua trajetória de vida e liderança na luta pela terra, e as dificuldades que enfrentou ao longo de sua caminhada. Observei que ela por fazer parte dessa luta sofria preconceito pela própria comunidade que não reconhecia os benefícios que ela reivindicava para trazer para a comunidade. Nesse sentido, vi em Dona Maria, uma Mulher que rompeu com os padrões estabelecidos pela sociedade, trazendo para sua comunidade contribuições importantes a partir da luta pela terra, bem como por ser uma mulher despercebida pela sua própria comunidade e pelo não merecimento dado pelo assentamento onde vive atualmente, assentamento Todos os Santos/Chupete. E assim, contribuir para que a trajetória de

² Ler PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005; PRIORI, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo. Contexto, 2002.

³ Assentamento localizado no município de Água Branca/AL.

⁴ Maria José de Jesus, mais conhecida como Maria Bobó

luta de Dona Maria como liderança ganhe visibilidade perante a sociedade, desconstruindo essa visão do homem como único líder na região, e também para que sirva para a construção de conhecimento científico na história das mulheres.

Dessa forma, não pretendo aqui fazer uma biografia totalizante da história de vida de Dona Maria, mas sim trazer a tona sua trajetória de vida enquanto mulher, militante e líder no assentamento Todos os Santos/Chupete, no município de Água Branca/AL, pois segundo (PRISCILA; ALEXANDRE, 2015, p. 175) “uma biografia histórica não pode ser um trabalho restrito a informações a respeito do que o biografado fez em vida, tem que levar em conta as representações sociais, relacionando-o ao seu meio social”.

Para tanto, é fundamental ressaltarmos a importância da Escola dos Annales e o surgimento da Nova história⁵, que nos permite o conhecimento da “história vida de baixo”, história de mulheres e homens comuns esquecidos pela historiografia, mas que também foram sujeitos que fizeram parte da construção historiográfica. Em vista disso, Dona Maria, uma mulher comum, que se tornou liderança para lutar tanto por sua subsistência quanto para sua comunidade na luta pela terra, vem protagonizando sua própria história.

Para que esta pesquisa fosse realizada, utilizei referências bibliográficas de alguns autores que trazem conceitos referentes ao estudo aqui realizado. O método escolhido foi a História Oral, optei por entrevistas semi-estruturadas para a coleta de dados, tendo como entrevistado Dona Maria por ela ser meu objeto de pesquisa. As entrevistas foram realizadas em sua residência no assentamento Todos os Santos/Chupete. Como guia metodológico utilizei *História Oral: Como fazer, como Pensar* de José Carlos Sebe B. Meihy e Fabíola Holanda, que traz de forma sucinta desde a fase teórica à transcrição das entrevistas. Como complemento, usei Manual de História Oral de Alberti Verena, que mostra como trabalhar a História Oral em um projeto de pesquisa.

Contudo, almejo que esta pesquisa contribua para que a trajetória de vida de Dona Maria tenha visibilidade pela sociedade, assim como no âmbito acadêmico, despertando o interesse daqueles que venham a ler este trabalho, por se tratar de uma mulher que rompeu com diversos paradigmas sociais, para abraçar as causas na luta pela terra, onde o preconceito e o machismo ainda é tão presente nos dias de hoje. E que inspirem outras mulheres a não desistirem dos seus objetivos e que assim como Dona Maria, se tornem protagonistas das suas próprias histórias.

⁵ Ler BURKE, Peter. A nova História, seu passado e seu presente. In: BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 1-13.

2 As Mulheres e os Movimentos Sociais

Na sociedade ocidental, desde os tempos mais remotos o lugar que as mulheres ocupavam era de submissão, impedidas, na maioria das vezes, de se rebelarem contra os padrões sociais impostos a elas. No entanto, desde as sociedades antigas e primitivas já existiam mulheres que não aceitavam esses padrões impostos pela sociedade tradicional e conservadora, e buscavam de alguma forma lutar por liberdade e por seus direitos. Desse modo, ao se rebelarem contra sua condição social, eram vistas como mulheres loucas, criminosas, em muitos casos pagavam com a própria vida, eram até mesmo chamadas de fanáticas⁶. Eram mulheres que lutavam por liberdade. A Igreja Católica, no período da Inquisição, sem dúvidas, eram rigorosos e puniam qualquer mulher que fossem contra os valores pregados por ela como doutrina religiosas.

Ainda nas primeiras décadas do século XX o papel da mulher limitava-se apenas na esfera doméstica, mas devido às transformações sociais e políticas ocorridas nas décadas de 1970 e 1980 tanto no Brasil como o mundo, considera-se o auge para abrir espaço para a participação social das mulheres lutar por seus direitos. Esta estruturação na construção da história das mulheres só foi possível devido ao movimento feminista na década de 1960 nos Estados Unidos, onde a política feminina começa a ter voz ativa. Outra fator primordial para a construção da importância da mulher na sociedade, foi o direito ao voto, conquistado no século XIX, graças à organização e a união das mulheres na Inglaterra para lutar por seus direitos. PINTO (2009) aponta que o movimento feminista surgiu como um movimento de liberdade, tanto para que a mulher tenha seu espaço na sociedade, mas que também são mulheres que lutam por uma nova maneira de relação entre homens e mulheres, dando a mulher liberdade e autonomia para decidir o que quiser sobre sua vida.

Nesse período, foram registradas com mais vigor suas presenças dos movimentos sociais que lutavam pelo fim do regime militar instaurado no Brasil em 1964, lutavam por um país democrático, e assim, outros sujeitos puderam ser inseridos no cenário político, cultural e social, e lá estavam as mulheres. E foi neste contexto, que o papel das mulheres aos poucos foi se redefinindo, participando de movimentos sociais organizados, lutando por seus ideais e por

⁶ LUSA, Mailiz Garibotti. **Movimentos sociais e mulheres**: identidades e lutas. VIII Jornada Internacional Políticas Públicas. Agosto 2017. Disponível em: www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo3/movimentossociaisemulheresidentidadeselutas.pdf. Acesso em: 04 de janeiro. 2020.

uma sociedade mais igualitária, no âmbito social, político, econômico e cultural.

Logo, podemos dizer que os movimentos sociais movem suas lutas sócio-políticas na perspectiva de buscar transformações para a sociedade, quebrando padrões que foram impostos culturalmente, bem como abrir espaço para abordar assuntos sobre o papel das mulheres na sociedade e de como elas vem se destacando nas lutas por seus direitos, e suas contribuições na construção de um espaço que viabiliza as lutas e conquistas por políticas públicas melhores além de questões sociais e culturais.

Dito isto, os movimentos sociais agem de modo coletivo, com a finalidade de propor ações que possam buscar mudanças nas relações sociais ou até mesmo que possam mantê-las, liderados por grupos de pessoas que têm os mesmos ideais sociais e que se articulam de forma coletiva reivindicando direitos sociais, políticos, econômicos e culturais. Como aponta GOHN (2011) ao falar dos movimentos, “os movimentos realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas. Atuando em redes, construindo ações coletivas agindo com resistência à exclusão e lutam pela inclusão social.”

Como já foi citado anteriormente, foram nas décadas de 1970 e 1980 que assim como no Brasil e em outros países da América Latina, os movimentos sociais populares ganharam seu auge, passaram a agir de forma articulada e organizada em oposição ao regime militar, pois a população já se encontrava insatisfeita com as desigualdades que vinham ocorrendo nos âmbitos social, econômico, cultural e político. Esses movimentos sociais populares contribuíram de certa forma, para a conquista de diversos direitos sociais, inclusive, abrindo espaço para a inclusão das mulheres no processo de luta e conquista por direitos iguais a partir da criação do Movimento Feminista. Sobre movimentos, Pinto enfatiza:

enquanto na Europa e nos Estados Unidos o cenário era muito propício para o surgimento de movimentos libertários, principalmente aqueles que lutavam por causas identitárias, no Brasil o que tínhamos era um momento de repressão total da luta política legal, obrigando os grupos de esquerda a irem para a clandestinidade e partirem para a guerrilha. Foi no ambiente do regime militar e muito limitado pelas condições que o país vivia na época, que aconteceram as primeiras manifestações feministas no Brasil na década de 1970. O regime militar via com grande desconfiança qualquer manifestação de feministas, por entendê-las como política e moralmente perigosas. (PINTO, 2010, p. 16-17)

Para que possamos melhor compreender a importância do Movimento Feminista na luta pelos direitos das mulheres, este teve sua origem na década de 1960 nos Estados Unidos se espalhando pelos países do Ocidente, mas foi no início do século XIX que o movimento feminista virou tendência, tendo como a primeira tendência o movimento sufragista, liderado

por Bertha Lutz; e o segundo momento onde já acontecia a opressão contra a mulher, onde as mulheres resistiam ao regime militar continuidade da época 1970. Corroborando (ALVES; ALVES, 2013, p. 115) sobre o feminismo, “o feminismo era "malcomportado", e reunia mulheres intelectuais, anarquistas e líderes operárias, sendo que defendia o direito à educação, abordando temas como a dominação masculina, a sexualidade e o divórcio...”

Quando ressaltamos mulheres que vem lutando por direitos igualitários, não podemos deixar de abordar a questão de gênero, que ganhou força a partir dos movimentos feministas da década de 1960 e 1980, onde a discussão de gênero se torna um dos objetivos principais reivindicados por este movimento; além de buscar romper com padrões que rotulam o papel da mulher perante a sociedade como também, mitos arcaicos remetidos historicamente às mulheres. Sobre a questão de gênero Alves; Alves comenta:

Os papéis de gênero historicamente atribuídos às mulheres são questionados pelo feminismo, que se constitui um movimento diferente dos demais ao defender os interesses de gênero das mulheres, caracterizado pela sua autonomia em relação a outros movimentos e organizações. As mulheres foram e continuam sendo objetos de opressão em todas as partes do mundo. Como vemos ao longo da história, são suprimidas do prazer sexual, da exibição do rosto, são escravizadas e prostituídas etc. No entanto, as mulheres conquistam cada vez mais seu lugar numa sociedade de forte resistência aos novos conceitos de gênero, protagonizando diversas causas femininas reivindicando e discutindo questões que abordam esses conceitos. (ALVES e ALVES, 2013, p. 117).

Desse modo, fica evidente a relevância do processo de conquistas das mulheres, fundamentada na luta feminista, que a partir da resistência e organização vem lutando por seu espaço no meio social. Foi nesta perspectiva que novas lutas e ideais foram criadas fazendo com que o feminismo se espalhasse pelo mundo e assim dando início a um período de movimentos sociais feministas, marcado pela luta das mulheres na busca por igualdade social que não diferenciava da dos homens. Nesse sentido ALVES; ALVES (2013, p.115.) ressalta que “é a partir dessas novas ideias que o feminismo se expande pelo mundo e inicia-se um período de movimentos sociais feministas. O tradicionalismo sobre a mulher perde suas forças e o novo pensamento feminino começa a ganhar a adesão das pessoas.”

Na historiografia as mulheres eram marginalizadas e até mesmo excluídas das lutas sociais, políticas, culturais, pois o que predominava era o tradicionalismo, e até mesmo nos sindicatos, o chefe deveria ser a figura masculina. Uma dessas resoluções criadas pelo MST foi a inclusão da família nas lutas e nas manifestações políticas, que de certa forma contribuiu para a formação de lideranças mulheres. SCHWENDLER (2015, p. 92) entende que “embora

ingressam na luta como mães, esposas ou filhas, ocupando papéis secundários, dentro de um movimento social camponês que também reflete em sua organização a lógica da cultura patriarcal, as mulheres Sem Terra vão ocupando espaços e se tornam protagonistas na luta pela terra.”

Assim, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) um dos movimentos que lutam junto com os camponeses por uma Reforma Agrária que beneficiem os mais pobres, a questão de gênero passou a ser pauta no interior do MST devido às reivindicações das mulheres por direitos iguais na sua participação nos acampamentos e assentamentos. Desse modo o MST, dar origem a um documento que destacam os direitos igualitários para as mulheres acampadas e assentadas. Segundo Santo (2015) o MST se organiza com base em três fundamentos principais: lutar pela terra; lutar por reforma agrária; lutar por uma sociedade mais justa e fraterna.

É na luta pela terra que as mulheres se redescobrem a força e a coragem que tem. Enxergam na luta uma forma de derrubar o sistema político e a sociedade tradicional em que é submetida, abraçam a luta como mulheres capazes de conquistar o mundo, através da liberdade tão sonhada. No campesinato constroem sua própria identidade como mulher, autônoma e fazem parte do processo de organização e mobilização na luta pela terra, muitas mulheres, à frente desses movimentos como lideranças. Dessa forma, desconstroem a ideia de que o lugar da Mulher é na cozinha, em casa cuidando da família. Lugar da mulher é onde ela quiser, é nos acampamentos e assentamentos lutando por seus direitos e por condições de vida melhores. Nessa perspectiva, LUSA (2017, p. 5) coloca:

É nessa conjuntura de requisição democrática e participativa que a mulher agricultora passa a denunciar as desigualdades de gênero e a reivindicar expressamente seus direitos e denunciando também as desigualdades de classe e etnia, e anunciando a urgência em quebrar todo o tradicionalismo e subalternidade que lhe fora imposto, tendo em vista a discussão sobre o lugar social da mulheres a criação de uma nova identidade – social, política e cultural -construída por elas a partir da sua cotidianidade. (LUSA, 2017, p. 5).

Para compreendermos o contexto da sociedade alagoana atualmente-na luta pela terra-, é necessário lembrarmos que a história do Estado de Alagoas está marcada a partir da produção da cana-de-açúcar, onde as terras passaram a ser concentradas na mãos dos latifúndios, e assim, a camada mais pobre alagoana se veem diante da exploração, a subordinação e as desigualdades sociais. Com o mando e desmando dos grandes proprietários de terras sobre a camada mais pobre, a luta pela terra se torna algo impossível para os camponeses, bem como não permite o

desenvolvimento do território alagoano através dos acampados e assentados, gerando uma sociedade submissa ao sistema de dominação da época.

É neste contexto que Alagoas vai se formando, o empobrecimento da classe média a partir da exploração da produção capitalista do setor canavieiro. Além disso, para corroborar com esse processo de exploração, as terras passam ser tomadas por latifundiários para aumentar a produção açucareira através das tecnologias avançadas que precisavam ser expandidas nas terras alagoanas, gerando assim extrema pobreza no campo e força de trabalho. Nesse sentido, Santos; Ramos; Ramos Filho (2012, p. 9) enfatiza que “o processo de formação do Estado se deu sob a expropriação de muitos camponeses para dar lugar à expansão da cultura da cana o que traz impactos significativos para a vida da sociedade alagoana.”

Dessa forma, salientamos que a estrutura agrária do Estado de Alagoas esteve sempre concentrada nos domínios dos latifúndios, e que esta formação econômica, social e política trouxe benefícios apenas para o mesmo, os senhores donos da terra. A partir do contexto da estrutura econômica do estado de Alagoas, não podemos deixar passar despercebido, toda a influência trazida pela construção dos engenhos, visando substituir a agricultura e conseqüentemente, gerou impactos na estrutura econômica, social e política de alagoas. O campones tornar-se subalterno aos senhores, dono dos engenhos e da terra, a exclusão social aumenta, assim como a falta de moradia, pobreza, sem condições mínimas para sobreviver. Santos; Ramos; Ramos Filho deixaram bem claro a situação em que se encontrava Alagoas nesta passagem:

Há um intenso êxodo rural em Alagoas, e também se acentua a emigração para outras regiões do país[...]há uma massa de excluídos que intensificam os problemas sociais, saindo do campo para a cidade, onde neste último espaço não encontram condições de sobreviver, sendo desta forma subordinados aos processos de exclusão social: falta de moradia, de educação, de emprego, de saúde (SANTOS; RAMOS; RAMOS FILHO, 2012, p. 10).

Nesta conjuntura em que o Estado de Alagoas se encontrava, dominada por algumas famílias sobre toda a sociedade, que se viu a necessidade de lutar por melhorias, discutindo a Reforma Agrária, buscando beneficiar os camponeses. A terra concentrada na mãos dos latifúndios, os movimentos sociais- MST, um dos mais importantes do mundo-, começaram a reivindicar e lutar por condições de vida melhores para sobreviver. Porém não foi tarefa fácil, pois, muitos já estavam acomodados com a situação de subordinados em que se encontravam, devido a população não ter conhecimento sobre seus direitos e também por existir programas que beneficiam esta camada mais pobre de Alagoas. Para tanto:

[...] o MST, por serem mais envolvidos com as lutas e reivindicações sociais se destaca pela insistência de melhorias para os envolvidos nesse grupo.[...] A luta dos acampados e assentados deste Estado, que vivem em áreas desprivilegiadas e desassistidas pelos serviços públicos é pertinente para a conquista de políticas públicas (SANTOS; RAMOS; RAMOS FILHO, 2012, p. 12).

Contudo, a construção histórica de Alagoas é também marcada pela luta e resistência de movimentos que não aceitavam e não se submetiam às imposições criadas na organização social, econômica, política do estado alagoano por uma minoria dominantes. Conforme aponta Lessa (2011, apud Santos; Ramos; Ramos Filho, 2012, p.11) “Basta lembrar a epopéia do Quilombo dos Palmares, a heróica luta dos cabanos (1832-50) e a fantástica resistência dos povos indígenas ao esbulho de suas terras e do seu modo de vida...” É notório que a história de Alagoas é marcada pela luta da terra, estado de latifundiários, desigualdades sociais, em que trabalhadores precisam lutar por um pedaço de terra para ter melhores condições para sobreviver.

Atualmente, a luta pela terra continua, além do MST, há outros movimentos sociais que atuam em Alagoas, a Comissão pastoral da terra (CPT); o MLST e o MTL, são movimentos que estão unidos com os trabalhadores na luta por uma Reforma Agrária que traga benefícios para os mais pobres; continuam reivindicando os direitos sociais desses camponeses esquecidos pelo governo e pelo Estado. Povos estes, marcados por uma história de luta em busca dos seus direitos como cidadãos, por melhores condições de vida no espaço alagoano, acampados e assentados esquecidos pelos poderes públicos do Estado.

A luta desses movimentos sociais é de suma importância na luta pela conquista por direitos sociais, por políticas públicas inclusivas, bem como abrindo espaço para a inclusão de mulheres nesses movimentos, garantindo voz e vez para que possam serem vistas e ouvidas como um segmento diferenciado e não apenas como um número. Ressaltar também, a relevância do movimento feminista na criação, organização e mobilização de movimentos que encorajam as mulheres há não ficarem caladas; e de outros movimentos sociais como a CPT e o MST que através de suas ações buscam defender e ajudar trabalhadores e trabalhadoras acampados e assentados no processo de luta pela terra. Nas palavras de ALMEIDA (2014, p. 17) “Em Alagoas a terra é o mais importante elemento político arcaico, e sobretudo os movimentos sociais que trabalham a reforma agrária afetam de modo significativo o comportamento tradicional do mando político aliado à posse e a propriedade da terra.”

3 PERCURSO DE VIDA: ENTRANDO NA LUTA PELA TERRA

A trajetória de vida de muitas famílias alagoanas é marcada pelo trabalho exploratório dos latifundiários. Nesse cenário em que se encontrava o estado alagoano, muitas mulheres viram na luta pela terra, a oportunidade de lutarem por seus direitos e por condições de vida melhores. Assim, o grande apoio e incentivo para que a militância das mulheres do campo- como Dona Maria Bobó-, tivessem uma formação social e política, é concebida pela CEBs junto com grupos de mulheres organizados pela Comissão da Pastoral da Terra (CPT), agentes da Igreja Católica e por outros movimentos sociais Sem Terra, que conscientizaram essas mulheres sobre seus direitos, assim, começaram a participar dos sindicatos rurais e passaram a construir suas próprias organizações autônomas. As mulheres começam então a construir uma consciência crítica sobre seu papel na sociedade e lutar contra as desigualdades que as norteiam.

E essa construção histórica não foi diferente na realidade de Dona Maria Bobó, criada na agricultura, trabalhando nas terras de fazendeiros/coronéis para sobreviver. E assim criou seus filhos sozinha. Na incessante busca por condições de vida melhores ela decidiu se engajar na luta- segundo ela, para poder ter *“sua própria terrinha pra trabalhar”*. Nessa perspectiva, a entrevista realizada⁷ com Dona Maria Bobó, relata essa realidade, mulher e liderança assentada, que decidiu contribuir na organização e mobilização social na luta pela terra, ocupando a fazenda Chupete, e outros latifúndios no município de Água Branca.

Para que possamos compreender a origem e o interesse de Dona Maria Bobó em ingressar na luta pela terra, está na sua infância, desde novinha começou a trabalhar na roça. Maria José de Jesus, mais conhecida como Maria Bobó, nasceu no povoado Boqueirão, no dia 01 de abril de 1942, município de Água Branca. Filha de Maria das Dores de Jesus e de Manoel Lourenço de Barros. Dona Maria Bobó vem de uma família composta por sete irmãos. Quatro irmãos (já falecidos) e duas mulheres. Foi Criada pela avó paterna-agricultora-, chamada Maria Lourenço, mais conhecida como Maria Severo.

Trabalhavam para os fazendeiros como arrendada na fazenda Cobra- hoje assentamento Padre Cícero-, e também da fazenda Chupete- hoje assentamento Todos os Santos-, todos os dias ia e voltava para a fazenda Chupete, de manhã e voltava à tarde. Construiu então, um barraquinho para poder ficar durante o dia para descansar e cozinhar. Como arrendada trabalhava nas fazendas vizinhas de onde morava no Boqueirão- município de Água Branca,

⁷ Entrevista realizada no dia 15 de dezembro de 2019, no assentamento Todos os Santos/Chupete, Água Branca/AL.

plantando feijão, milho, mandioca. Infelizmente, Dona Maria estudou até o sexto ano do ensino fundamental, pois não teve oportunidade para continuar seus estudos. Estudava pela manhã e à tarde ia pra roça ajudar sua avó. Vinda de uma infância difícil, trabalhando na roça para ganhar pouco e ainda dividir com os proprietários das terras, Dona Maria relata:

trabalhando muito... sempre, sempre na roça né. Me criei com minha avó né, Maria Lourenço o nome dela, mas era conhecida por Maria severo. Aí nós trabalhou e se criou na roça trabalhando, plantando feijão, milho, e eu sempre desde menina gostava de plantar uma rocinha, plantava dois litro de feijão, três, batia um saco, meio saco, aí mãe guardava na época da festa de Água Branca, depois ela vendia e comprava minha roupa da festa. E foi assim que começou minha luta na roça e até hoje é desse jeito, trabalhando. Não trabalho mais por que a idade não permite, mais ainda trabalho um pouquinho. Vivíamos disso, passamos precisão, muitas vezes no tempo da seca que a gente não tinha roça. Era muito tempo bom na época, agora não tem mais tempo bom de chuva, agora a gente tem que aprender a conviver com a seca. É por que antigamente a gente tinha tempos bons, tinha a seca no verão, mas pelo menos de abril para maio, junho e julho a gente tinha muita chuva que se plantava e dava. O feijão dava muito, o milho também, feijão de corda. O que a gente plantava a gente tinha, mandioca, como eu já falei, plantei muita também né. Mas infelizmente de 2004 pra cá a gente vem numa dificuldade danada né, cada dia que passa piora a situação e a gente tem é que mais aprender e a conviver com isso, por que senão piora cada vez mais. Então essa era a cultura da gente de plantio, plantava feijão, milho, feijão de corda, mandioca (DONA MARIA BOBÓ, 2019).

Dona Maria trabalhava como arrendatária – trabalhava nas terras dos proprietários, mediante pagamento, tudo que fosse plantado e colhido, o arrendador (fazendeiros/coronéis) teria um percentual. Para ela, isso não era justo, trabalhar tanto, roçava o mato, limpava com a enxada, depois plantava e ainda ter que dividir toda a roça com os proprietários sem eles terem colaborado em nada, segundo ela, “isso era muito injusto, sofria muito”.. Dessa forma, Dona Maria enxergou nas suas dificuldades motivos para ir em busca de sua autonomia, ir à luta para adquirir sua própria terra para ter pelo menos condições de vida digna para sobreviver. Não podemos deixar de citar o papel crucial do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Água Branca na Dona Maria nos conta o que a motivou a entrar na luta no processo de conquista pela terra e como começou:

é o que me motivou, eu achei importante isso, por que na época eu trabalhava arrendada, de meia, não tinha terra pra trabalhar, e ainda agradeço a Deus que a minha vó ainda me deu uma casinha lá no Boqueirão. E eu agradeço a luta, por que a gente plantava de meia, plantava arrendado e era uma humilhação que a gente passava com esse povo que tinha suas terra e a gente plantava de meia e arrendado né. Por que de meia a gente trabalhava pra morrer, cansado e no final dividia tudo e a gente ficava só com a metade, depois de tanto trabalho que a gente tinha e arrendado tirava a roça da gente toda, além de pagar a renda cara e quando o restante dos milho, os bicho dos fazendeiro ainda comia quase tudo, que quando a gente ia quebrar o milho, já tava dentro

das roça os bicho comendo, muitas vezes aconteceu. Depois, me a filiei ao sindicato dos trabalhadores rurais de Água Branca e lá a gente começou a ser incentivado a trabalhar, a participar de mais movimento, até que aí eu comecei. Formemos uma associação na comunidade Boqueirão e essa associação muita gente desacreditava, criticava, mais já outros achavam que tava certo e foi assim que começou. No Boqueirão, a finada Helena (também liderança) mais Lurdinha do tabuleiro que me deram muito apoio, o sindicato também, Zé Silva (professor). Elas já faziam parte há muito tempo, elas eram assentada na Serra do Paraíso, a finada Helena, Lurdinha e outros lá do tabuleiro. Aí eu comecei a acompanhar elas, participando das caminhada, da reunião dos frade, era o finado frei Angelino, frei Afonso. A gente participou fazendo reunião debaixo dos pé de pau, nas casa de das pessoa que gostavam, debaixo da ponte do Capiá da igreja e por aí vai, foi muita coisa. Aí depois veio a Pastoral da Terra que é a CPT, que nos ajudou, que incentivou a gente pra fazer e a ocupar Cobra (fazenda Cobra) que a terra já era improdutiva, já era abandonada praticamente, e depois de la nós viemos pra qui pra o chupete, que também a terra já era tomada dos pobre, dos mais fraco e também não tinha imposto, fizeram empréstimos (fazendeiros) e não pagaram o governo, tudo isso aconteceu né. Então a gente ocupou a terra, o governo pagou e nós tamos aqui. A terra não foi tomada, roubada como eles diz aí: “ladrões, roubou a terra do povo”, não foi. A terra é desapropriada pelo Incra, o Incra desapropriar a terra que não é produtiva que é improdutiva, então eles fazem aquela desapropriação e depois chama a Pastoral ou a CPT ou o MST ou o MLST ou a Via Campesina, qualquer um desses movimentos sociais.

LUSA (2017, p. 5) já destacou a importância das mulheres “ao se inserirem nos sindicatos, elas percebem como é difícil quebrar a hierarquia e os preconceitos que fundamentam as relações nas instâncias de poder das estruturas representativas. É o reconhecimento deste desafio, mas também da necessidade de romper com a perspectiva de dominação e desigualdade, que lhes provoca a lutar por reconhecimento dentro das instâncias de poder, desde as relações familiares, às comunitárias, sindicais e político-legislativas-executivas.” A partir deste contexto destacamos a importância do papel representado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Água Branca, que entrou na luta pela classe trabalhadora da região conscientizando a lutarem por seus direitos, e dessa forma, construindo o pensamento crítico tanto social quanto político.

É importante ressaltarmos a relevância dos movimentos sociais no processo de conquista através das lutas pelos direitos das mulheres, buscando a igualdade de gênero, que segundo Cosme (2019) essa busca é feita através da incorporação do discurso dos direitos humanos. Em especial, destacamos a CPT, responsável por todo o processo de ocupação do assentamento Todos os Santos/Chupete, através de suas ações, buscou preparar os Sem Terra para enfrentar o latifundiário de forma organizada, os instruindo a partir da consciência crítica social e política. Como parafraseou Almeida (2014) a CPT e seus agentes, sempre procuram aprender a arte difícil e desafiadora de escutar o povo, o seu jeito de pensar a vida e construir

relações a partir da terra.

A CPT já trouxe de benefícios, não só pra mim, mas pra muita gente né. Não tem benefício mais por que não tem chuva... mas olhe, primeiro a gente recebeu o Cred inicial de 2.400 reais a fundo perdido né, a gente comprou uma série de ferramentas pra roça, as coisa que a gente tinha de precisão que não tinha... através disso a gente comprou uma máquina de bater feijão, mas não foi a CPT que trouxe, mais foi através desse dinheiro que nós recebeu, se juntou e cada um deu uma parcelazinha do Cred inicial. Agora a pouco tempo veio um aviamento da casa de farinha que já tá ali prontinha, só tá faltando a mandioca, foi a CPT que adquiriu com o povo da Itália, veio um trator também, esse já serviu muito a gente aqui, mesmo com o tiquinho de feijão batido. Mas assim, o governo deu, mais na luta da gente, dormindo num barracinho de lona na praça Sinimbú, na praça da faculdade né, lutando e é com mobilização enfrentando o governo, mais ele (governo da época, Ronaldo Lessa, depois Téo Vilela, Renan Filho) também não foi ruim, ele fez um bocado de coisa que ele prometeu (DONA MARIA BOBÓ, 2019).

Segundo Andrade (2005, p.198 apud COSME, 2019, p. 452) destaca importância do vaqueiro, inclusive nos currais de gado no município alagoano de Água Branca/AL: “os fazendeiros vivem em geral, nas cidades do interior mais próximos às suas fazendas, onde se dedicam a outras atividades econômicas”. Nesse contexto, a fazenda Chupete antes da ocupação era comandada por vaqueiros, criadores de gado, cuidavam da fazenda. O gerente da fazenda, que na maioria era o próprio vaqueiro arrendava a terra para os trabalhadores. Desse modo, por medo de perder a terra e não ter onde criar seus animais, quando a fazenda Chupete foi ocupada, ameaçavam os acampados:

Na época que nós ocupemos aqui a gente sofreu ameaça, ameaçou de dar um tiro neu e outro em Celina. Eles trabalhavam aqui na fazenda, por que o fazendeiro não tinha gado nenhum, aí só quem tinha era eles (vaqueiros), aí era eles que tomavam conta aqui, era gerente da fazenda, ganhando, fazendo meio mundo de dinheiro, aí acharam ruim né, mais do que os dono. (DONA MARIA, 2019).

A fala de Dona Maria Bobó deixa explícito a relação de poder e subordinação que existia entre o trabalhador e o latifúndio. Durante anos as famílias que hoje fazem parte do assentamento Todos os Santos/Chupete viviam submissas ao poderio dos fazendeiros/gerentes da fazenda por serem Sem terra. As famílias que hoje fazem parte da construção da comunidade antes de conseguirem o direito à terra da fazenda, trabalhavam nas fazendas do sertão alagoano- muitos pagavam renda na própria fazenda Chupete-, e em outros casos são famílias que moravam nas localidades vizinhas e trabalhavam arrendadas na fazenda, outras que com muito trabalho conseguiram formar minifúndios nas fazendas. Nessa perspectiva, Cosme (2019, p. 455) “Foi nessa realidade cotidiana vivenciada por anos, décadas, marcada por um contexto

hostil ao campesinato Sem Terra , que fez com dezenas de famílias se mobilizassem socialmente para a luta pela terra, levantando a bandeira da reforma agrária no município de Água Branca.”

A fazenda Chupete, localizada no município de Água Branca, era comandada pelos vaqueiros antes da Ocupação dos Sem Terra. Na fazenda criava gados e trabalhavam pessoas que eram rendeiras. A ocupação da fazenda Chupete aconteceu no dia 01 de novembro de 2004, com cerca de 150 famílias, porém apenas 106 foram assentadas. Houve um breve conflito e as mobilizações dos Sem Terra dos movimentos CPT e MST, ambos disputavam a ocupação das terras da Fazenda Chupete, porém com o diálogo estabelecido entre os movimentos ficou claro que a CPT estava com a razão, e assim, o conflito foi solucionado sem confusões maiores. O processo de ocupação da Fazenda Chupete é relatado por Dona Maria Bobó:

A ocupação foi dia 01 de novembro de 2004, a gente se articulou lá na Fazenda Cobra com os assentados. E as mulheres do Tabuleiro vieram, Helena convidou algumas pessoas pra fazer a ocupação aqui. Nós se articulamos lá e juntamos o povo e viemos no dia de Todos os Santos de tardezinha. Aí nós viemos pra aqui a noite, muita gente. Passamos a noite ali todinha na frente da casa do finado Jôca, uns deitados na lona, outros deitados no chão, outros tirando galho de jurema seca pra fazer fogueira pra o povo amanhecer o dia lá. Ai no outro dia ocupamos a terra, começamos a fazer os barracos. Foi assim, todo mundo fazendo os barracos, foi chegando mais gente. Aí o gerente da fazenda foi lá ameaçar, vigiar nós, ficamos com medo por que ele andava armado, mas ele não fez nada não. Depois o dono da fazenda arrumou uma ordem do judiciário, nos recebeu, mas não saímos da terra, não ligamos pra isso né. E eu sei que damos continuidade e graças a Deus viemos aqui pra Sede, antes de liberar o dinheiro pra fazer as casas, nós fizemos barraco de barro que ficava mais seguro (DONA MARIA BOBÓ, 2019).

Com relação ao nome dado posterior a ocupação da fazenda Chupete, a comunidade não queriam que continuasse sendo chamada de fazenda Chupete- aludia aos antigos donos fazendeiro-, decidiram então dar outro nome, símbolo do começo de uma nova vida. Tendo em vista que a ocupação aconteceu na data comemorativa dia Santo-01/11, passou a se chamar assentamento Todos os Santos/Chupete. Quando pergunto se a comunidade assentada ainda participa dos movimentos sociais depois da terra conquistada Dona Maria Bobó nos relata que há um descaso da comunidade:

Não, acabou, é poucas, é alguns que vão participar, ninguém quase quer mais, enquanto não tinha ganhado a terra todo mundo tava participando. Quando vinha o ônibus pra levar o povo pra Maceió pra assembleia, pra mobilização, ou pra fazer qualquer trabalho lá né, fazer ocupação de outros, aí todo mundo ia. Às vezes faltava até gente que não cabia mais de tanta gente, que quando chamava dois, três quatro, cinco, ia dez, quinze, vinte, isso foi de 2004 para 2005, enquanto não tinha recebido a posse da terra, não tinha feito as casas, todo mundo ia. Nessa época ainda era barraco, era lona, de palha, depois fizemos de barro, aí depois do de barro passamos pras casas, já

ganhemos a terra, aí foi liberado o dinheiro os recursos para as lideranças maiores que seriam os responsáveis pela distribuição entre os assentados) o governo libera pra fazer as casas, mas se acomodaram, a maioria, tanto aqui no assentamento Chupete como ne Cobra se acomodaram a maioria, estão acomodados não querem participar demais nada, ao contrário, tem muitos aí já vendendo as terra, sem título de terra, sem ter nada. Essa terra não pode vender, essa terra tem que passar de Pai pra filho, de filho pra neto, de neto, tatara netos e por aí vai. E assim, se acomodaram e muito, tão aí, não querem nada com a vida não, depois que pegaram as casa, pegaram a terra, aliás num querem nem trabalhar na roça mais, nos lote que devia ter muita gente recebeu os 5.000 no Pronaf mulher, nós já recebeu, devolvemos 1.000, mais os 4.000 já serviu né... mais muita gente não recebeu, mas porquê? Por que lá o Incra estão sabendo quem tem palma plantada, quem tem algum benefício na terra e quem não tem, eles saíram de fininho (DONA MARIA BOBÓ, 2019).

Não podemos conceber movimentos populares sem o Partido dos Trabalhadores, este tinha características peculiares dos outros partidos, pois lutava pela classe mais pobre, dando voz e vez a esta parte da sociedade que foi esquecida pelos poderes públicos, além de abrir espaço para os sindicalistas e as classes menos favorecidas, dando visibilidade a estes sujeitos esquecidos da história. Dona Maria Bobó se sente grata por todo apoio que receberam do PT, que começou a dar visibilidade aos sujeitos esquecidos da história. Desse modo Dona Maria nos conta sobre sua participação na organização e mobilização no movimento, o apoio do PT e outras lideranças:

Era dormir no chão, dormir dentro do Incra no relento, botava um lençolzinho no chão e a bolsa de roupa era o travesseiro e botava um lençol no chão e se enrolava com outro. A gente tem que agradecer muito ao PT que sempre ficou ao lado da gente nessa luta, sempre, sempre, sempre, até hoje quem ainda defende a gente e luta pela gente é o PT... a pessoa de Heloísa Helena, que hoje não é mais PT, ajudou muito a gente, na pessoa de Paulão também ajudou muito a gente no início da nossa luta. Fazer que nem a história, a gente só num levemo um bocado de bala de borracha, spray de pimenta na época de helena né, foi por causa de Paulão que defendia a gente e Helena que era da CPT também. O que eu trouxe de benefício foi a terra, por que não que fosse eu que fosse buscar sozinha, mas com o apoio de outras lideranças vizinhas como eu já falei, do tabuleiro, do sindicato e a Pastoral da Terra principalmente, que foi quem apoiou toda demanda da gente que a gente queria, foi eles que deram apoio né, então juntos adquirimos a terra. Que se eu não tivesse corrido atrás mais Helena, aguentando as piadinhas do povo da minha comunidade lá do Boqueirão, que eu ia apanhar, levar pisa, ia morrer, levar tiro: tomara que leve um tiro, que quer tomar as terra dos outros... uma série de piadas. Outros diziam: mulher, você tá caminhando tanto, tá arrumando homem é?" Eu dizia que não, que quando eu arrumasse trazia e todo mundo ia ver, num deixo lá não (risos), mas num era nada disso não. Aí tudo isso eu aguntei, mas tá aí, todo mundo aí de boa com sua casa pra morar, com sua terra pra trabalhar, só num trabalha aquele que é preguiçoso, só que tá aí de boa vida, mas quem gosta de trabalhar tem a terra pra trabalhar graças a Deus. Então o que eu pude fazer foi isso, e na liderança ainda quando diz "vamo pra Maceió pra Romaria da terra", que é muito importante, é uma penitência, todo ano eles fazem a o Romaria da terra, como forma de agradecer a Deus pela luta. É um direito que

a Pastoral da Terra tem enquanto Igreja Católica, agora não vai só católico não, vai crente, vai todos eles que tem a boa vontade de participar, vai participar (DONA MARIA BOBÓ, 2019).

Vemos em Dona Maria uma mulher forte, batalhadora, que nunca pensou em desistir da luta, tanto para o seu bem, quanto para o bem de sua comunidade. Finalmente, conseguiram a tão sonhada terra, deixaram de ser rendeiras(os) para serem assentados, passando a construir sua própria autonomia. Deixando para trás uma trajetória vivida na subordinação aos latifundiários, e o medo que os rodeavam com a presença do gerente da fazenda e do próprio fazendeiro. A conjuntura política em que nosso país se encontra, também é uma preocupação para Dona Maria, segundo ela, o governo atual não dar muita importância para os pobres. Com Deus sempre na frente a cada passo na sua luta, Dona Maria Bobó nos alerta para unirmos e lutar pelo direito de todos:

quem ia desistir? Nós já tava aqui, não ia desistir mais. A gente tem a fé em Deus e no trabalho da gente e das pessoas que nos apoiava, da pastoral né, e eles (vaqueiros) ficaram morrendo de raiva por que saíram daqui. A gente não saiu da terra e eles tiveram que sair, depois o governo liberou a terra que ia ser dos trabalhadores, os dono também aceitaram as proposta que o Incra deu, aí pronto, tamo aqui graças a Deus e acabou” Só que o povo tão acomodado demais, e já tá muita coisa aí piorando com esse governo que tá (atual governo do Presidente Bolsonaro), a gente tem que se organizar, se dar as mãos, tantos os movimentos, como as comunidades pobre que não querem saber, mais tem que se darem as mãos ou senão se darem as mãos vão sofrer consequência pior durante esse quatro anos que esse homem (Presidente Jair Bolsonaro) vai governar, que ninguém sabe se vai governar só quatro anos ou se vai para os oito, que a mentalidade das pessoas tá terrível né, e a comunidade pobre que sabe que precisa de trabalhar precisa de ter seus ganhinho pra sobreviver, nem que seja de roça, mas de outras coisas também, tem que se organizar mesmo, se dar as mãos e ir à luta. É o que tá acontecendo, é o que eles estão pedindo, e é verdade, por que se a gente se acomodar eles passam a perna na gente viu, por que nós temos nosso direito sagrado. Você vê aí quando... faça um pontinho aí... Quando lá em Brasília mesmo que quando eles querem ser contra os jovens né, que eles queriam tirar a faculdade, tiraram ainda um bocado então a gente tem que se ajudar, vamo fazer mobilização, vamo se juntar, não é só os movimentos não, é todo mundo que tiver a coragem, estudante, pai de família, professor, funcionários e tudo, lutar pela saúde que tá péssima, lutar pelos nossos direito, por isso todo mundo tem que cair na rua e tem que cair mesmo em campo e cobrar por nossos direitos (DONA MARIA BOBÓ, 2019).

Como afirma Lusa (2017, p. 11):

a organização dessas mulheres em um movimento estimula seu olhar e consciência crítica para as desigualdades de gênero, passando assim a discussão sobre a invisibilidade do seu trabalho no campo[...]elas começam a ter consciência de que seu trabalho é de extrema importância para a economia da sua família e não é apenas uma ajuda como sempre fora colocado.

Essa afirmação da autora corrobora quando questiono a Dona Maria Bobó sobre a

importância do papel das mulheres, inserção nos movimentos sociais e preconceitos sofridos no processo de luta:

é muito importante, por que cada uma tem seu conhecimento, aprende sobre seus direito, seus dever, quebra muito preconceito sobre a mulher né. Hoje a gente já tem grupo de mulheres formado que já vão pra Brasília brigar lá pelos seus direito, já no dia 08 de março que as mulheres se juntam nas ruas, nas comunidades e vão lá discutir o direito da mulher, e hoje nós pode chamar isso de poder feminino né, a mulher pode tá onde ela quiser. Me sinto realizada, hoje o cansaço chegou né, a mente já tá mais fraca, mas é assim mesmo... fazer como a história dos mais velhos “ e a perna ninguém passa por cima deu não” (risos com semblante de felicidade). Lutei muito pelo meu bem e o bem de muita gente, e eu me sinto feliz. Eu me lembro da passagem que a finada Helena me dizia, me disse umas três vezes: “Olhe Dona Maria não desista e tudo que disserem com a senhora nem ligue, entregue nas mãos de Deus, por que se eles não agradecem, mas Deus agradece”, e isso é verdade. E eu queria te dizer assim, que muitos que já me xingaram, dizia que eu tava atrás de homem, depois reconheceram que eu que tava certa mesmo, por que eu comecei caladinha, carregando uma pessoinha que que queria ir mais a gente e quando pensou que não, as coisa aconteceu né. E é isso, eu não me arrependo de nada não até hoje, a pena que eu tenho é que já tô cansada, tô aguentando mais barrufo não, a mente não dá mais pra muita coisa, mas assim mesmo, o povo ainda se admira do que eu faço, já lutei muito, a gente sofre muito mais vale a pena [...] Primeiro foi a inveja de pessoas que não tinha coragem de ir pra luta, depois aqui no assentamento deve preconceito pq a gente trabalhou muito e fazia as coisas corretas e eles queriam maracutaia, quando a gente não aceitou eles(os próprios assentados) fizeram de tudo pra afastar a gente. Tive muito desgosto, muita raiva. Só voltei pra cá porque a CPT mandou ir atrás deu e to aqui hoje, não abri mão dos meus direitos. A comunidade onde eu morava (Boqueirão), quando eu comecei a sair de casa para acompanhar a finada Helena pras reunião, para o sindicato mesmo, que lá eu me filiei, falavam que eu ia atrás de homem, que eu fosse procurar o que fazer... foi tanta coisa minha fia, mais mesmo assim continuei na luta (DONA MARIA BOBÓ, 2019).

Segundo dados levantados por Cosme (2019, p. 494) sobre os processos históricos que marcaram a construção do assentamento Todos os Santos/Chupete, destaca a importância das mulheres Sem terra nesse processo de conquista: no dia 01/11/2004 a entrada da fazenda Todos os Santos/Chupete estava ocupada com 150 famílias; dia 12/2004 os fazendeiros entram com recursos ao seu favor; dia 05/2005 ocuparam a sede da fazenda, houve tensão entre os sem terra mobilizados pela CPT e o MST, e também ameaças dos fazendeiros com os acampados; 24/04/2006 o INCRA consegue desapropriar a terra para fins de reforma agrária; 24/10/2007 o assentamento Todos os Santos/Chupete é oficialmente criado, com capacidade para 121 famílias em uma área total de 1.707,9 ha, sendo assentadas famílias.

Em dezembro de 2009, o Incra libera o crédito de 2,4 mil reais para cada família assentada, mas somente em abril de 2010 é que começa a construção das casas. Anteriormente

a construção das casas, as famílias moravam em barracos de lona e até mesmo em casas construídas com barro. No ano de 2011 a comunidade assentada consegue ter acesso a energia elétrica. E assim, começa a construção do assentamento Todos os Santos/Chupete, a luta e a resistência para continuar na terra e ter condições de sobrevivência digna como qualquer cidadão. Um grande momento de conquista para o assentamento foi conseguir a construção das cisternas para boa parte das famílias, bem como a primeira turma de Educação de Jovens e Adultos formada na comunidade.

Partindo ainda dos dados levantados por Cosme (2019), em 2015 o INCRA recolheu parte do recursos destinado a construção final das moradias, e conseqüentemente, as moradias que restaram não foram construídas do mesmo tamanho das primeiras. Ainda neste mesmo ano, um ponto positivo para a comunidade, a turma do EJA é finalizada. No ano de 2018, algumas moradias ainda estão sendo construídas e outras obras foram paralisadas. Um trator é conquistado pela comunidade, com implementos e catorze cisternas calçadão; por fim, o projeto de banco de sementes crioulas é ativado. Esses processos marcantes na história da construção do assentamento, é mais um etapa conquistada dos assentados, a partir da luta árdua e da resistência para conquistar a terra e construir uma comunidade digna para moradia. No entanto, ainda há um longo caminho de luta pela frente.

O assentamento Todos os Santos/chupete se encontra em meios há muitas dificuldades para a comunidade, não há um projeto que viabilize a estrutura agropecuária da região-por isso a evasão de muitas famílias para outros Estados-, o descaso dos poderes públicos para com a comunidade. Nessa perspectiva Cosme (2019, p. 466) aponta que “a comunidade até hoje não possui um sistema de adutora com água encanada nas residências... problemas como a questão do acesso aos serviços de saúde, educação e reforma das estradas, estão sempre presentes na realidade dos assentamentos rurais...” Conforme os relatos de Dona Maria Bobó, relata os pontos citados acima:

as dificuldades das famílias... As dificuldades que a gente enfrenta aqui, a primeira é a água. É uma situação muito precária que a gente vive aqui sem água. Por que quando junta água aqui é na barragem, mas não é água suficiente pra beber né. E a segunda dificuldade é a seca, mas a seca a gente tem que aprender a conviver com ela. É dinheiro que a gente não tem suficiente, quem tem o Bolsa família é a renda maioria das pessoas pobre, e quem não tem sofre. E assim, as dificuldade também é que não há projeto pra gente trabalhar pra criação de gado, ovelha... temos direito há um posto de saúde no assentamento e até agora não chegou, temos direito a um grupo escolar, uma creche, as crianças estudam no Boqueirão, outras estudam em Água Branca né. Os carro da prefeitura vem buscar, os carro do estado vem buscar pra Água Branca né ... e não temos estradas adequadas, quando a chuva vem destroem tudo, e nao adianta nada o prefeito mandar passar a máquina. Temos direito ao projeto PRONAF A, mas também não temos, não chegou aqui. São uma

série de direitos que nós temos. Vivemos numa situação precária nos assentamento (DONA MARIA BOBÓ, 2019).

Segundo Dona Maria Bobó, são 106 assentados, porém, atualmente restam menos de 60 famílias. Alguns foram para São Paulo, abandonaram os lotes, em outros casos, pessoas da mesma família tomam de conta das casas. Essas pessoas que abandonaram o assentamento foram para São Paulo em busca de trabalho, por condições melhores de vida, já que no assentamento não tem emprego, não tem projetos para que essas famílias tenham condições para viver no assentamento. No início a famílias assentadas recebiam do Estado uma cesta básica, hoje não recebem nenhum benefício. Vivem do trabalhador autônomo, muitos da atividade agropecuária, onde o minifúndio ainda é tão presente na realidade do assentamento:

a gente vive do suor da gente... aqui também não tem água encanada. Só tem água nas cisternas, ou quando chove, ou quando a defesa civil manda os carro pipa. Dar nem pra começar porque é muita gente aqui. Hoje a gente vive da roça, mas o tempo vem seco, a gente não tem o tempo bom como a gente já teve, não tem chuva para plantar o milho, o feijão e a mandioca. A única alternativa que dar um dinheirinho aqui ainda é a palma, é o que resistindo a seca (DONA MARIA BOBÓ, 2019).

O descaso do Estado e do governo com os assentamento rurais é evidente na fala de dona Maria, a falta de diálogo com os poder público do município fica claro, quando as estradas que dar acesso ao assentamento ficam impossibilitadas na época da chuva; bem como o descaso com a saúde, escola para as crianças e a falta de financiamento para gerar fonte de renda. Mesmo com todas as Dificuldades, Dona Maria diz que a vida está melhor hoje, a comunidade onde morava Boqueirão, não tinha condições para trabalhar, “eu trabalhava era de meia, arrendada né, tanto aqui como no Moreira na fazenda de Duda. Coloquei meus filho tudo no cabo da enchada mais que eu nao tinha condições de colocar eles num estudo bom. Aqui a gente trabalha e o que a gente colhe é nosso, não divide com ninguém.”

Contudo, a participação da comunidade é o ponto de partida para continuar a lutar para que os direitos cheguem na comunidade, possam se unir na mesma intensidade que uniram para lutar no processo de conquista da fazenda Chupete, porém, após a terra tão sonhada ser conquista, a comunidade parece ter esquecido da importância da luta em todo esse processo. Os sujeitos assentados se acomodaram, não se organizam e não se mobilizam para correr atrás dos benefícios para toda a comunidade. Dona Maria nos relata “eu sozinha nao posso trazer mais benefícios pra cá a comunidade tem que se unir pra nós lutarmos juntos... hoje eu já tô velha, cansada, já fiz muita coisa por esse assentamento e muitos nem agradece, até hoje”

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mulher, negra, liderança no processo de organização e mobilização na luta em prol da terra, Dona Maria Bobó, como é conhecida, se destaca por sua coragem ao entrar nessa luta, mesmo sabendo dos riscos que viriam pela frente. Enfrentar os fazendeiros, as ameaças, o preconceito por ser Sem Terra e mulher, e encarar as dificuldades que até hoje existe dentro do assentamento Todos os Santos/Chupete. Uma mulher que rompeu com padrões sociais imposto para as mulheres, que mesmo sofrendo preconceitos não desistiu e lutou pelo bem de muitas outras Sem Terra.

No decorrer da entrevista notamos na fala de Dona Maria Bobó, a importância dos agentes da Igreja Católica, da filiação com o Sindicato de Água Branca e da CPT no processo da luta pela terra foram cruciais, o papel desempenhado por cada um deles foram relevantes na construção da consciência crítica das famílias Sem Terra para ir á luta. Era a esperança dos camponeses que viviam submissos ao latifundiário, de enfim ter sua própria terra, conquistar sua autonomia, e assim começar a traçar seu próprio caminho, longe do olhar dos fazendeiros e coronéis. Não menos importante, a fé, a presença de Deus na fala de Dona Maria Bobó, o agradecimento por toda força vinda dele para enfrentar os caminhos obscuros no cenário dos acampamentos e assentamentos. Promessas feitas e pagas fazendo penitência através da Romaria da terra, caminhada realizada pelos camponeses como forma de agradecimento a Deus.

A autora SCHWENDLER (2015, p. 94) aborda que “nos acampamentos e assentamentos, as mulheres Sem Terra começam a se organizar e debater sua participação na política, pois elas percebem que para os homens havia mais oportunidades para participar dos espaços formativos e de decisão política, o que contribui para o desenvolvimento da liderança.” No entanto, o protagonismo das mulheres nos movimentos de luta e como lideranças começam a ganhar força, graças a essa consciência crítica que as mulheres começam a construir. Nesse contexto, Dona Maria Bobó se destaca por ser liderança em todo processo de luta na conquista do assentamento Todos os Santos/Chupete e de outros territórios da região aguabranquense, mulher que vem protagonizando sua própria história, em meio às contradições da sociedade que envolve.

O Estado de Alagoas tem a sua construção histórica a partir da monocultura açucareira. A concentração das terras nas mãos de latifundiários, a exploração evidente na camada mais pobre da sociedade. Tendo que viverem submissas ao mando e desmando de fazendeiros e coronéis. Nesse sentido destaca a imensa contribuição dos movimentos sociais, como por exemplo, o MST e a CPT, na luta pelos direitos desses trabalhadores e trabalhadoras esquecidos

pelos poderes públicos, têm contribuído para a desapropriação dessas terras. As famílias do assentamento Todos os Santos/Chupete viviam subordinadas a esses latifundiários, trabalhando arrendados, como meeiros e até mesmo como vaqueiros. Esses movimentos trouxeram para este povo, a esperança. A esperança de ter sua própria terra para trabalhar, construir sua própria autonomia. Assim também, como deram vez e voz às mulheres acampadas e assentadas, muitas à frente a liderança na organização e mobilização no processo de luta pela terra e dentro da terra.

No assentamento Todos os Santos/Chupete ainda há uma longa trajetória para percorrer, lutar para que a comunidade tenha acesso aos direitos mínimos que todo cidadão tem, como água, saúde, escola/creche para as crianças, projetos financeiros para desenvolver a economia da comunidade, e ter o olhar dos poder público do Estado e do município também voltados para atender as necessidades dessas famílias. Mas o grande passo à terra conquistada foi dada. Mesmo com todas essas dificuldades, ter sua própria terra para trabalhar, sua casinha para morar, não ter que viver trabalhando para os fazendeiros exploradores, isso não tem preço para esse povo que sofreram tanto.

Por fim, destacamos a relevância de Dona Maria Bobó e sua contribuição enquanto liderança à frente na organização e mobilização no processo de luta pela terra. Mulher forte, guerreira, criou seus filhos sozinhas, trabalhando na roça para coronéis e fazendeiros. Se diferencia por sua coragem, enfrentando os latifundiários, diferencia por lutar numa sociedade machista e preconceituosa que excluem os direitos das mulheres, se diferencia por suas ações em prol dos direitos dos Sem Terra, acampados e assentados que encontram no direito a terra, o direito à vida. Assim espero que esta Mulher possa ter visibilidade aos olhos da região aguabranquense que não enxergam nela, a mulher que merece reconhecimento por suas ações e contribuição na luta pelo bem de muitas famílias Sem Terra.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Cap.1. **Projeto de pesquisa**. FGV. p. 29-41.

ALMEIDA, Luiz Sávio de et al. **Terra e Pastoral em Alagoas: conflitos e liberdade**. [et al].- Maceió: Edufal, 2004.

ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social da Mulher. **IV Seminário CETROS**. 29-31/maio de 2013-Fortaleza-CE, UECE- Itaperi, p.1-9.

COSME, Claudemir Martins. **A resistência do campesinato assentado em uma formação territorial marcada pela contrarreforma agrária**: da luta pela terra à luta para permanecer no território dos assentamentos rurais no Sertão alagoano. Tese (doutorado)-Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Recife, 2019.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de educação**. V.16, 2011, p, 1-29. Disponível em: http://www.mprj.mp.br/documents/20184/1294393/mg_gohn_movimentos_sociais_na_contemporaneidade_revisto_pela_autora.pdf acesso em: 15 dez 2019.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar** - São Paulo: Contexto, 2011.

LUSA, Mailiz Garibotti. Movimentos sociais e mulheres: identidades e lutas. **VIII Jornada Internacional políticas públicas**. UFMA, agosto 2017, p.1-15.

OLIVEIRA, Priscila Musquim Alcantara; OLIVEIRA, Alexandre Luiz de. Sedução e desafios da Biografia na História. **Faces de Clio**, vol.1, n.1. 2015, p. 168-180. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/facesdeclio/article/view/26427> acesso em: 13 jan 2020.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. **Rev. Sociol. Polít.** Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782010000200003&script=sci_abstract&tlng=fr acesso em: 23 dez 2019.

RODRIGUES, Valeria Leoni. **A Importância da Mulher**. Secretária de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Paraná. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf> acesso em: 15 dez 2019.

SANTOS, Raqueline da Silva. **Terra e educação**: uma análise do Pronera em Alagoas. Boletim GEPEP-v.03, n.04, p.79-107, jul. 2014.

_____; RAMOS, Oneclarck Francisco; RAMOS FILHO, Eraldo da Silva Ramos. **Questão Agrária e educação no campo**: o território dos assentamentos rurais em Alagoas. Uberlândia-MG. UFU. 15/19 Out. 2012, p.1-22.

SANTO, Thais Marques. **A Experiência Democrática dos Movimentos Sociais**: Uma reflexão a partir participação política das mulheres no MST. UFRGS. Porto Alegre. 2015, p.1-10. Disponível em: https://www.ufrgs.br/sicp/wp-content/uploads/2015/09/16_DE-SANTO_A-experie%C2%A6%C3%A9ncia-democra%C2%A6%C3%BCtica-dos-movimentos-sociais_-uma-reflexa%C2%A6%C3%A2o-a-partir-da-participac%C2%A6%C2%BAa%C2%A6%C3%A2o-poli%C2%A6%C3%BCtica-das-mulheres-no-MST.pdf acesso em: 09 dez 2019.

SCHWENDLER, Sônia Fátima. O processo pedagógico da luta de gênero na luta pela terra: o desafio de transformar práticas e relações sociais. **Educar em Rev.** Curitiba, n.55, Editora UFPR. 2015, p. 87-109. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602015000100087&script=sci_arttext acesso em: 13 jan 2020.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Carta de concessão

Assentamento Todos os Santos/Chupete, 15 de dezembro de 2019

Maria Cicera dos Santos da Costa,

Eu, Maria José de Jesus, solteira, 1534701, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravado dia 15 de dezembro de 2019 para (entidade e pessoas) usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à Universidade Federal de Alagoas/Campus do Sertão, que tem a guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Maria José de Jesus

Maria José de Jesus

Extraído de: MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. *História oral no Brasil: Como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 149.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevista realizada com Dona Maria José, mais conhecida como Dona Maria Bobó, líder e assentada do assentamento Todos os Santos/Chupete, localizada no município de Água Branca, no dia 15 de dezembro de 2019, às 16:22 hrs.

Onde a senhora nasceu e qual sua data de nascimento?

Nasci no Boqueirão e a data verdadeira é de 1946, mas no registro é 01 de abril de 1942, foi aumentado a idade pra votar nesse homens safados.

Como foi sua infância?

Trabalhando muito e, sempre, sempre na roça né. Me criei com minha avó, Maria lourenço o nome dela, mas era conhecida por Maria severo. Aí nós trabalhou e se criou na roça trabalhando, plantando feijão, milho, e eu sempre desde menina gostava de plantar uma rocinha, plantava dois litro de feijão, três, batia um saco, meio saco. Minha mãe guardava na época da festa de Água Branca, depois ela vendia e comprava minha roupa da festa. E foi assim que começou minha luta na roça e até hoje é desse jeito, trabalhando, não trabalho mais por que a idade não permite, mais ainda trabalho um pouquinho.

E como era sua família?

Eu tinha, meus irmão era eu, José, Vandete, Carmelita, Cosme, Antônio e Damião que era irmão gêmeo com Corne, mais esses morreram. Morrerão três homens, aliás quatro, que Cosme ninguém sabe onde ele tá né, e a gente se convive sempre as três, carmelita que mora em Acajutiba e vandete que mora lá no Boqueirão e eu aqui né, no assentamento. **E quem é o mais velho (a) dos irmãos?** Eu sou a mais velha.

Nessa época, a fonte de renda de sua família era da roça?

Era a roça, até hoje, vivíamos disso, passamos precisão muita vezes no tempo da seca que a gente não tinha roça. Era muito tempo bom na época, agora não tem mais tempo bom de

chuva, agora a gente tem que aprender a conviver com a seca Antigamente a gente tinha tempos bons, tinha a seca no verão, mais pelo menos de abril pra maio, junho e julho a gente tinha muita chuva que se plantava e dava, o feijão dava muito, o milho também, feijão de corda, o que a gente plantava a gente tinha, mandioca, como eu já falei plantei muita também né. Mas, infelizmente de 2004 pra cá a gente vem numa dificuldade danada né, cada dia que passa piora a situação e a gente tem é que mais aprender e a conviver com isso, por que senão piora cada vez mais. Então essa era a cultura da gente de plantio, plantava feijão, milho, feijão de corda, mandioca.

A senhora estudou?

Estudei um pouquinho só. **Até que série?** Até a quinta, parece.

E na sua família, tem mais alguém assentado?

Só eu e minha filha Jaide, ela é do assentamento Padre Cicero na fazenda Cobra.

E quantos filhos a senhora tem?

Tenho quatro filhos e criei tudo sozinha graça a Deus.

O que há motivou a entrar na luta pela terra?

É o que me motivou, eu achei importante isso, por que na época eu trabalhava arrendada, de meia, não tinha terra pra trabalhar, e ainda agradeço a Deus que a minha vó ainda me deu uma casinha lá no Boqueirão, e eu agradeço a luta por que a gente plantava de meia, plantava arrendado e era uma humilhação que a gente passava com esse povo que tinha suas terra e a gente plantava de meia e arrendado né. Por que de meia a gente trabalhava pra morrer, cansado e no final dividia tudo e a gente ficava só com a metade, depois de tanto trabalho que a gente tinha e arrendado tirava a roça da gente toda e além de pagar a renda cara e quando o restante dos milho, os bicho dos fazendeiro ainda comia quase tudo, que quando a gente ia quebrar o milho, já tava dentro das roça os bicho comendo... muitas vezes aconteceu. Depois, me filiei ao sindicato dos trabalhadores rurais de Água Branca e lá a gente começou a ser incentivado a trabalhar, a participar de mais movimento, até que aí eu comecei. Formamos uma associação

no Boqueirão e essa associação muita gente desacreditava, criticava, mais já outros achavam que tava certo e foi assim que começou. No Boqueirão, a finada Helena (também liderança) mais Lurdinha do tabuleiro que me deram muito apoio, o sindicato também, Zé Silva (professor).

Essas pessoas que a senhora citou, faziam parte desses movimentos?

Elas já faziam parte há muito tempo, elas eram assentada na Serra do Paraíso, a finada Helena, Lurdinha e outros lá do tabuleiro, aí eu comecei a acompanhar elas, participando das caminhadas, da reunião dos frades que era o finado frei Angelino, o frei Afonso que hoje não é mais frei e a gente participou fazendo reunião debaixo dos pé de pau, nas casa de das pessoa que gostavam, debaixo da ponte do Capiá da igreja e por aí vai. Foi muita coisa, depois veio a Pastoral da Terra que é a CPT, que nos ajudou, que incentivou a gente pra fazer e a ocupar Cobra (fazenda Cobra) que a terra já era improdutiva, já era abandonada praticamente, e depois de lá nós viemos pra qui pra o Chupete, que também a terra já era tomada dos pobre, dos mais fraco e também não tinha imposto, fizeram empréstimos (fazendeiros) e não pagaram o governo. Tudo isso aconteceu, então a gente ocupou a terra, o governo pagou e nós estamos aqui, a terra não foi tomada, roubada como eles diz aí: “ladrões, roubou a terra do povo”, não foi. A terra é desapropriada pelo Incra, o Incra desapropriar a terra que não é produtiva que é improdutiva, então eles fazem aquela desapropriação e depois chama a Pastoral ou a CPT ou o MST ou o MLST ou a Via Campesina, qualquer um desses movimentos mais próximo do Incra, eles chama e manda fazer a ocupação.

E a senhora faz parte de todos os movimentos que a senhora citou?

Eu faço parte da CPT, nós somos assentado pela CPT, Comissão Pastoral da Terra, daí o governo compra a terra, avalia, paga os bem se tiver algum na terra eles compram e eles não perde nada, eles só tem a ganhar que não compraram nenhuma.

A senhora já sofreu algum tipo de preconceito por fazer parte desses movimentos?

Já, primeiro foi da própria comunidade, quando eu comecei a sair de casa pra

acompanhar a finada Helena pras reunião, pra o sindicato mesmo, que lá eu me filiei, falavam que eu ia atrás de homem, que eu fosse procurar o que fazer. Foi tanta coisa minha fia, mais mesmo assim continuei na luta (semblante de tristeza).

E os assentados dessa comunidade costumam participar dos movimentos? Ou depois que conquistaram a apropriação da terra deixaram de participar?

Não, acabou, é poucas, é alguns que vão participar, ninguém quase quer mais, enquanto não tinha ganhado a terra todo mundo tava participando. Quando vinha o ônibus pra levar o povo pra Maceió pra assembleia, pra mobilização, ou pra fazer qualquer trabalho lá né, fazer ocupação de outros, aí todo mundo ia, às vezes faltava até gente que não cabia mais de tanta gente, que quando chamava dois, três quatro, cinco, ia dez, quinze, vinte, isso foi de 2004 pra 2005, enquanto não tinha recebido a posse da terra, não tinha feito as casa, todo mundo ia. Nessa época ainda era barraco, era lona, de palha, depois fizemos de barro, aí depois do de barro passamos pras casas, já ganhamos a terra, aí foi liberado o dinheiro os recursos para as lideranças maiores que seriam os responsáveis pela distribuição entre os assentados) o governo libera pra fazer as casas.

A senhora acha que a comunidade se acomodou depois que tiveram acesso às casas?

Se acomodaram sim, a maioria, tanto aqui no assentamento Chupete como ne Cobra se acomodaram a maioria, estão acomodados não querem participar de mais nada, ao contrário, tem muitos aê já vendendo as terra, sem título de terra, sem ter nada. Essa terra não pode vender, essa terra tem que passar de Pai pra filho, de filho pra neto, de neto, tatara netos e por aí vai. E assim, se acomodaram e muito, tão aí, não querem nada com a vida não, depois que pegaram as casa, pegaram a terra, aliás num querem nem trabalhar na roça mais, nos lote que devia ter muita gente recebeu os 5.000 no Pronaf mulher. Nós já recebeu, devolvemos 1.000, mais os 4.000 já serviu né, mais muita gente não recebeu, mais porquê? Por que lá o Inbra, eles lá estão sabendo quem tem palma plantada, quem tem algum benefício na terra e quem não tem, eles saíram de fininho.

E para senhora, o que a CPT trouxe de benefícios para os assentados?

Ela já trouxe, não só pra mim, mas pra muita gente né. Não tem benefício mais por que não tem chuva, mas olhe, primeiro a gente recebeu o Cred inicial de 2.400 reais a fundo perdido né, a gente comprou uma série de ferramentas pra roça, as coisa que a gente tinha de precisão que não tinha, através disso a gente comprou uma máquina de bater feijão, mas não foi a CPT que trouxe, mais foi através desse dinheiro que nós recebeu, se juntou e cada um deu uma parcelinha do Cred inicial. Depois a gente, agora a pouco tempo veio um aviamento da casa de farinha que já tá ali prontinha, só tá faltando a mandioca, foi a CPT que adquiriu com o povo da Itália, veio um trator também, esse já serviu muito a gente aqui, mesmo com o tiquinho de feijão batido. Mas assim, o governo deu, mais na luta da gente, dormindo num barraquinho de lona na praça Sinimbú, na praça da faculdade né, lutando e é com mobilização enfrentando o governo, mais ele (governo da época, Ronaldo Lessa, depois Téo Vilela, Renan Filho) também não foi ruim, ele fez um bocado de coisa que ele prometeu.

Como era a participação da senhora nesses movimentos?

Era dormir, ocupar o Incra, dormir dentro do Incra no relento, botava um lençolzinho no chão e a bolsa de roupa era o travesseiro e botava um lençol no chão e se enrolava com outro. A gente tem que agradecer muito ao PT que sempre ficou ao lado da gente nessa luta, sempre, sempre, sempre, até hoje quem ainda defende a gente e luta pela gente é o PT, a pessoa de Heloísa Helena, que hoje não é mais PT, ajudou muito a gente, na pessoa de Paulão também ajudou muito a gente no início da nossa luta, fazer que nem a história, a gente só num levamos um bocado de bala de borracha, spray de pimenta na época de helena né, foi por causa de Paulão que defendia a gente e Helena que era da CPT também.

E a alimentação de vocês quando iam participar desses movimentos?

A alimentação eles davam. Antigamente num dava não, mas agora a CPT, depois que passou a ser a CPT diretamente ela dá. A época que não dava alimentação foi de 1992 pra cá, até 1999, a gente ainda sempre ia pra lá mais Helena. De 2004 pra cá, aí a CPT tomou conta. É já existia a CPT, mas num era assim de andar diretamente de ser liberado muita coisa não, mais

foi depois do governo Lula que melhorou a situação pra muitas, até pra morrer mais pouca gente foi depois do governo Lula, morria muita gente que eles matavam as liderança né, eles perseguiam muito e depois do governo Lula parou tudo isso, mas agora tá voltando tudo de novo depois desse novo governo aí.

A senhora já sofreu algum tipo de ameaça?

Na época que nós ocupemos aqui a gente sofreu ameaça, ameaçaram de dar um tiro neu e outro em Celina.

Esses que ameaçaram vocês, também moravam aqui?

Eles trabalhavam aqui na fazenda, por que os fazendeiros não tinha gado nenhum, aí só quem tinha era eles (vaqueiros), aí era eles que tomavam conta aqui, era gerente da fazenda, ganhando, fazendo meio mundo de dinheiro, aí acharam ruim né, mais do que os dono.

E vocês pensaram em desistir?

Quem ia desistir? Nós já tava aqui, não ia desistir mais. A gente tem a fé em Deus e no trabalho da gente e das pessoas que nos apoiava, da pastoral né, e eles ficaram morrendo de raiva por que saíram daqui. A gente não saiu da terra e eles tiveram que sair, depois o governo liberou a terra que ia ser dos trabalhador, os dono também aceitaram as proposta que o Incra deu, aí pronto, estamos aqui graças a Deus e acabou. Só que o povo tão acomodado demais, e já tá muita coisa aí piorando com esse governo que tá aí, a gente tem que se organizar, se dar as mãos, tantos os movimentos, como as comunidades pobre que não querem saber, mais tem que se darem as mãos ou senão se darem as mãos vão sofrer consequência pior durante esse quatro ano que esse homem (Presidente Jair Bolsonaro) tá vai governar, que ninguém sabe se vai governar só quatro anos ou se vai pra os oito, que a mentalidade das pessoas tá terrível né, e a comunidade pobre que sabe que precisa de trabalhar precisa de ter seu ganhinho pra sobreviver, nem que seja de roça, mas de outras coisas também que... tem que se organizar mesmo, se dar as mãos e ir à luta.

É o que tá acontecendo, é o que eles estão pedindo Cícera, e é verdade, por que se a gente se acomodar eles passam a perna na gente viu... por que nós temos nosso direito sagrado. Quando lá em Brasília mesmo que quando eles querem ser contra os jovens né, que eles queriam tirar a faculdade né, tiraram ainda um bocado, então a gente tem que se ajudar, vamo fazer mobilização, vamo se juntar, não é só os movimentos não, é todo mundo que tiver a coragem, estudante, pai de família, professor, funcionários e tudo, da saúde que tá péssima, por isso todo mundo tem que cair na rua e tem que cair mesmo em campo e cobrar por nossos direitos.

O que a senhora trouxe de benefício para essa comunidade enquanto liderança?

O que eu trouxe de benefício foi a terra, por que não que fosse eu que fosse buscar sozinha, mas com o apoio de outras lideranças, vizinha do como eu já falei do tabuleiro, do sindicato e a Pastoral da Terra principalmente, que foi quem apoiou toda demanda da gente que a gente queria, foi eles que deram apoio né, então juntos adquirimos a terra. Que se eu tivesse corrido atrás mais Helena, aguentando as piadinhas do povo da minha comunidade lá do Boqueirão, que eu ia apanhar, levar pisa, ia morrer, levar tiro: “tomara que leve um tiro, que quer tomar as terra dos outros”. Uma série de piadas, outros diziam: “mulher, você tá caminhando tanto, tá arrumando homem é?” Eu dizia que não, que quando eu amasse trazia e todo mundo ia ver, num deixo lá não, mas num era nada disso não. Aí tudo isso eu aguentei, mas tá aí, todo mundo aí de boa com sua caca pra morar, com sua terra pra trabalhar, só num trabalha aquele que é preguiçoso, só que tá aí de boa vida, mas quem gosta de trabalhar tem a terra pra trabalhar graças a Deus.

Então o que eu pude fazer foi isso, e na liderança ainda quando diz “vamo pra Maceió pra Romaria da terra”, que é muito importante, é uma penitência, todo ano eles fazem a o Romaria da terra. É um direito que a Pastoral da Terra tem enquanto Igreja Católica, agora não vai só católico não, vai crente, vai todos eles que tem a boa vontade de participar, vai participar.

Qual a importância do papel da mulheres fazer parte desses movimentos?

É muito importante, por que cada uma tem seu conhecimento, aprende sobre seus

direito, seus deveres, quebra muito preconceito sobre a mulher né. Hoje a gente já tem grupo de mulheres formado que já vão pra Brasília brigar lá pelos seus direitos, já no dia 08 de março que as mulheres se juntam nas ruas, nas comunidades e vão lá discutir o direito da mulher, e hoje nós podemos chamar isso de poder feminino né, a mulher pode tá onde ela quiser.

De que forma aconteceu a ocupação?

A ocupação daqui foi em 01 de novembro de 2004, a gente se articulou lá na fazenda Cobra. A gente se articulou lá a tarde e no outro dia se articulou com o povo do assentamento Cobra, e as mulheres do tabuleiro vieram né, Lurdinha, Helena convidou um pouco de pessoas pra fazer a ocupação aqui. Nós se articulamos lá e juntamos o povo e viemos no dia de todos os Santos, de tardezinha. Ai nós viemos, era muita gente. Passamos a noite ali todinha na frente da casa do finado Jóca, uns deitados nas lonas, outros no chão, outros tirando gaio de jurema seco, tinha era muito pra fazer fogueira pro povo amanhecer o dia. E no outro dia que era o dia de Finados, fizemos uns barracos, eu vim pra casa morrendo de sono, e os meninos quando vieram meu barraco já tava feito que fizeram pra eu lá. Aí foi assim, todo mundo fizeram barraco, foi chegando mais gente, foi fazendo barraco. Aí chegamos lá, veio uma ordem do judiciário, nós recebemos mais ninguém respeitou essa ordem. Eu sei que damos continuidade, graças a deus depois viemos aqui pra sede, fizemos um monte barraco aqui na sede. Aqui já foi de barro, fizemos de palha e bem com um pouquinho de tempo quando liberaram a terra, nós fizemos de barro por que ficava mais seguro né.

A senhora sabe quantas famílias moram atualmente aqui?

Olhe, quantas pessoas tá morando parece que é 50 e poucas famílias, mas é 106 assentados. Dessas 106 assentados, teve uns que foram pra São Paulo, abandonaram ai os lotes, outras pessoas tomaram de conta. Casa fechada tem um monte aí, só vem quando querem. E tem casas pra fazer ainda, outras pra terminar.

E os assentados que hoje moram aqui, recebem algum benefício?

Não. A gente recebia no início, eles davam uma cesta básica, uma feira. Hoje a gente vive do suor da gente.

E as famílias vivem do que aqui?

Da roça. Os que não moram aqui ainda vem trabalhar. Tempo de roça muitos trabalham. O tempo vem seco, a gente não tem um tempo bom quando a gente já teve.

E o assentamento se encontra diante de muitas dificuldades?

A primeira é a água, é uma situação muito precária da gente aqui sem água, por que quando junta água são nas barragens e nas barragens não são suficientes pra beber né. E a segunda dificuldade é a seca, mas a gente tem que aprender a conviver com ela. E as dificuldades, é também dinheiro que a gente não tem suficiente. Bolsa família que é a renda dos pobres que o Lula deu. Infelizmente tá aí esse novo governo que só pensa em destruir a nação pobre. A dificuldade de projeto, que a gente não faz projeto. A dificuldade é grande, nós temos direito a um posto de saúde no assentamento e até agora não chegou, nós temos direito a um grupo escola, creche pras crianças estudar não chegou, outros estuda no Boqueirão (comunidade próxima do assentamento), outros estuda em Água Branca né. Os carros que vem da prefeitura pra o Boqueirão, outros vem do Estado pra Água Branca. E não temos a estrada adequada. E as estradas que tem, a vicinal, quando o prefeito manda arrumar, quando a chuva vem destrói novamente. Nós temos direito a projetos pra trabalhar algumas coisa pra gente, criatório de gado, de ovelha, mas infelizmente nunca chegou. Temos direito a um projeto que se chama PRONAF A ainda não chegou aqui. Temos uma série de coisa.

E como a senhora considera a vida hoje, acha que está melhor?

Tá sim. Por que eu morava no Boqueirão e não tinha condições de trabalhar. Trabalhava era de meia, arrendado como eu já disse, aqui e no Moreira em Duda. Criei meus filhos, botei tudo no cabo na enxada por que eu não tinha condições de colocar num estudo bom. A pena que eu tenho hoje, é que eu tenho vontade de trabalhar e não posso, tô sozinha hoje, a idade já chegou. Muitos aí não tinham uma casa pra morar e hoje tem.

E a senhora já sofreu muito preconceito?

Primeiro é a inveja. Muita gente não teve coragem de enfrentar a luta, foi eu que enfrentei. Sofri muito preconceito, de homem de mulher e de tudo. De muita gente que desacreditava e quando viu a coisa acontecer. Depois aqui no assentamento deve preconceito por que a gente trabalhou muito e fazia as coisas corretas e eles queriam “maracutaia”, quando a gente não aceitou, eles fizeram de tudo pra afastar a pessoa ne Celina e eu. A gente teve muito desgosto, muita raiva, depois eu não queria nem vim mais pra aqui, aí a CPT mandou atrás, me

deram muito conselho, eu voltei e não me arrependo não. Tô aqui hoje, não abri mão dos meus direitos. Sobre a comunidade era muito coletiva, quando era acampamento, quando não tinha a terra, viviam debaixo de um barraquinho de lona, de barro, era uma coisa linda.

Tem algum episódio marcante que a senhora queira relatar?

O episódio que mais me marcou foi quando eu fui chamada pra ganhar meu livro da minha história, por que quando eu morrer, se os netos quiserem ler, leiam, se quiserem dar às pessoas que tenha interesse que derem né. Esse foi um episódio marcante, esse livro.

E hoje, a senhora se sente realizada?

Me sinto realizada, hoje o cansaço chegou né, a mente já tá mais fraca, mas é assim mesmo, fazer como a história dos mais velhos “ e a perna ninguém passa por cima deu não”. Lutei muito pelo meu bem e o bem de muita gente, e eu me sinto feliz. Eu me lembro da passagem que a finada Helena me dizia, me disse umas três vezes: “Olhe Dona Maria não desista e tudo que disserem com a senhora nem ligue, entregue nas mãos de Deus, por que se eles não agradecem, mas Deus agradece”, e isso é verdade.

E eu queria te dizer assim, que muitos que já me xingaram, dizia que eu tava atrás de home, depois reconheceram que eu que tava certa mesmo, por que eu comecei caladinha, carregando uma pequenina que que queria ir mais a gente e quando pensou que não, as coisa aconteceu né. E é isso, eu não me arrependo de nada não até hoje, a pena que eu tenho é que já tô cansada, tô aguentando mais barrufo não, a mente não dá mais pra muita coisa, mas assim mesmo, o povo ainda se admira do que eu faço, já lutei muito, a gente sofre muito mais vale a pena.